(transcrição)

Palermo (na Catedral), 17 de janeiro de 1998

Uma espiritualidade para os diálogos

Jornada de reflexão sobre hebraísmo e da abertura da Semana de oração para a unidade dos cristãos

(…)

Excelência, excelências, autoridades eclesiásticas, autoridades civis, senhoras e senhores e muitas irmãs e irmãos, amigos meus, estamos aqui reunidos, nesta esplêndida Catedral hoje, 17 de janeiro, um dia antes de iniciar a Semana de oração pela Unidade, onde em várias partes do mundo os cristãos de Igreja e Comunidades eclesiais se unem em oração para obter do Pai comum a unidade visível da única Igreja de Cristo.

É um dever porém recordar também que a jornada de hoje é dedicada, pela Igreja católica na Itália, a uma reflexão – como foi dito – sobre o hebraísmo, ou seja, sobre as raízes da nossa fé cristã. Sobre isso vou falar mais adiante.

Permitam que me dirija especialmente aos cristãos.

Rezar pela unidade dos cristãos. Unidade que é um dom e que aguardamos receber do Céu. Unidade que exige de todos os cristãos, uma atitude especial, sem a qual o dom não pode ser recebido. Esta é uma das considerações que ensinaram os cristãos das Igrejas... que comprometeram os cristãos das Igrejas europeias, na recente 2ª Assembleia ecumênica de Graz, na Áustria, que viu reunida ali, de 23 a 29 de junho do ano passado, uma multidão (fala-se de 10-12.000 pessoas) representando a Europa ecumênica: dos católicos aos ortodoxos, aos anglicanos, dos evangélicos aos batistas, aos metodistas, e muitos outros ainda.

Que atitude, se perguntaram, devemos ter, ter para obter com mais facilidade, e em breve tempo, a unidade entre todos? Ali afirmou-se a necessidade de possuir e viver uma *espiritualidade ecumênica* não só entre os vértices da Igreja, onde já se atua o diálogo da caridade, através dos dons recíprocos, testemunhas de uma renovada fraternidade; não só por parte de especialistas que trabalham no diálogo teológico; mas uma *espiritualidade ecumênica* vivida por todo o povo cristão, sem o qual, como ensina a história, muitas vezes fica comprometido o processo do caminho ecumênico.

Hoje, vou oferecer aos senhores algumas linhas sobre esta *espiritualidade ecumênica* assim como foi proposta em Graz, Áustria.

Não é a primeira vez que se fala e se deseja uma *espiritualidade ecumênica*. O Conselho Ecumênico de Igrejas na Suíça, em Genebra, por exemplo, e outros, procuram uma *espiritualidade ecumênica*[1].

Na Itália um pastor valdense afirma que "a falta de uma espiritualidade ecumênica, torna a tarefa da reconciliação (das Igrejas) muito mais difícil e árdua".[2]

Mas hoje temos à disposição uma espiritualidade assim?

Observamos que existem esforços notáveis para alcançar também esse objetivo. Alguns são conhecidos, outros não, pois as coisas sérias, aquelas de Deus, crescem principalmente no silêncio. Se, porém, são efeitos do Espírito, a unidade deixa de ser um sonho ou uma utopia: é uma possibilidade real.

E quais devem ser os pontos firmes, os pilares indispensáveis de uma espiritualidade ecumênica digna deste nome?

Considerando que a Igreja é uma realidade divina além de humana, o primeiro ponto fundamental só pode ser Deus e - dado que esta espiritualidade é uma espiritualidade de comunhão - Deus por aquilo que é: Amor. (*1 Jo* 4,8). Se nós, cristãos, hoje, no limiar do terceiro

milênio, repassarmos os 2 mil anos da nossa história e sobretudo o segundo milênio, não podemos evitar a consternação por constatar que muitas vezes ela foi um alternar-se de incompreensões, de brigas, de lutas que rasgaram em muitos pontos a túnica sem costuras de Cristo que é a sua Igreja.[3] .

A culpa é de quem? É claro que das circunstâncias históricas, culturais, políticas, geográficas, sociais, mas também do desaparecimento entre os cristãos de um elemento unificante, típico deles: o amor. É a pura verdade.

Então, na tentativa de sanar hoje todo o mal que se fez para ter novas forças de recomeçar, é necessário dirigir o nosso olhar exatamente para o princípio da nossa fé comum, para Deus Amor, a grande revelação do mistério cristão.

Hoje é mesmo Deus Amor que, de certa forma, deve revelar-se novamente ao nosso coração cristão individualmente, mas também à Igreja que compomos. Em primeiro lugar a cada um de nós. De fato, como podemos pensar em amar os outros em vista da reconciliação, se não nos sentimos profundamente amados? Se não está viva em todos nós, cristãos, a certeza de que Deus nos ama?

O fato, porém, é que, embora a fé nos diga que Deus é Amor, muitas vezes nos esquecemos disso e vivemos como se estivéssemos sozinhos na terra, como se não existisse um Pai que nos acompanha em tudo e para tudo; o qual, dado que conta inclusive os cabelos da nossa cabeça, sabe tudo de nós; deseja que tudo concorra para o nosso bem: o que fazemos de bom e o mal que Ele permite. se nos colocamos no reto caminho.

O primeiro passo para vivermos bem uma *espiritualidade ecumênica*, é preciso que, com plena convicção e na verdade, repetir como se fossem nossas as palavras de São João Evangelista: "Nós acreditamos no amor" (*1 Jo* 4,16). No entanto, Deus não nos ama apenas como cristãos, mas também como Igreja. Deus ama a Igreja por tudo o que fez na história segundo o seu desígnio sobre ela, mas - e este é o lado magnífico da misericórdia de Deus - Ele ama a Igreja também quando lhe foi infiel, como no caso da divisão entre os cristãos, contanto que hoje eles busquem a plena comunhão na divina vontade.

Foi esta consoladora convicção que motivou João Paulo II (confiando naquele que extrai o bem do mal) a responder à pergunta: "Por que o Espírito Santo permitiu todas estas divisões?", mesmo admitindo que um dos fatores pode ter sido os nossos pecados, dizendo assim: "Não poderia ser também que as divisões tenham sido um caminho que levou e leva a Igreja a descobrir as múltiplas riquezas contidas no Evangelho de Cristo e na redenção operada por Cristo? Talvez tais riquezas (que emergiram nas várias Igrejas – eu acrescento) não pudessem vir à luz de maneira diferente..."[4]

Acreditar que Deus é Amor para nós e para a Igreja: este é o ponto de partida. Mas, se Deus nos ama, nós não podemos ficar inertes diante de tamanha bondade divina. Como verdadeiros filhos devemos retribuir o seu amor e também como indivíduos e como Igreja.

Como indivíduos, comportando-nos como Jesus: querendo a vontade do Pai e não a nossa.

Aquela divina vontadeque está escrita na Bíblia sobretudo no Novo Testamento.

É um dever para quem quer ser autor de reconciliação e um ponto fundamental de uma provável espiritualidade ecumênica a vivência das palavras do Evangelho, uma por uma,

O cardeal Bea dizia que quanto mais os cristãos vivem a Palavra mais ela os faz semelhantes a Jesus e, consequentemente, mais semelhantes e mais unidos entre si.[5]

Todas as palavras da Bíblia, sobretudo do Novo Testamento, devem ser assimiladas pelos cristãos, principalmente aquela que compreende toda a Lei e os profetas: o amor fraterno. (cf *Mt*

22,40). Só será um autêntico cristão da reconciliação quem souber amar os outros com a mesma caridade de Deus, E agora explico. Nunca será suficiente repetir: o amor evangélico, que temos pelo próximo, é um amor especial. Tem certas qualidades específicas: por exemplo, quer que se veja Cristo em cada próximo. No exame final da vida, Ele dirá que foi feito a Ele o bem e o mal que fizemos aos nossos irmãos.

Este amor deve ser dirigido a todos. O cristão não fez diferença entre o bonito e o feio, o simpático e o antipático, o preto e o branco, o compatriota ou o estrangeiro, o americano ou o africano, o cristão ou o budista, etc. Ele ama a todos.

É um amor que toma a iniciativa sempre; Jesus amou primeiro, quando ainda éramos pecadores. Não devemos esperar que nos sintamos amados. Devemos ser os primeiros a amar.

É um amor que leva a amar o outro como a si mesmo, que se "faz um" com os irmãos e as irmãs nas alegrias e nas dores...

E é necessário que também as Igrejas amem com esse amor.

"Pai, que todos sejam um" (cf *Jo* 17,21), Jesus rezou. E nós, ao invés, facilmente esquecemos o seu testamento, escandalizamos, com as nossas divisões, o mundo que a Ele devíamos conquistar.

Cada Igreja com o passar dos séculos de certo modopetrificou-se em si mesma pela onda de indiferença, de incompreensão, para não falar de ódio recíproco. Por isso mesmo cada uma deve ter um suplemento de amor, aliás, o povo cristão deve ser invadido por uma torrente de amor.

Amor e amor recíproco entre os cristãos e entre as Igrejas, que leva a colocar tudo em comum, tornando-se cada uma um dom para as outras. Assim podemos prever, na Igreja do futuro, que uma e uma única será a verdade, mas expressa de várias maneiras, observada de vários ângulos, embelezada por muitas interpretações.

No livro "Cruzando o limiar da esperança", João Paulo II escreve: "É necessário que o gênero humano alcance a unidade através da pluralidade, que aprenda a reunir-se na única Igreja, mesmo no pluralismo das formas de pensar e de agir, das culturas e das civilizações".[6]

Não é verdade - acrescento eu - que uma Igreja ou outra deverá "morrer" (como se pode temer). Cada uma deverá renascer nova na unidade. E viver nessa Igreja em plena comunhão será algo maravilhoso, fascinante como um milagre, que despertará a atenção e o interesse do mundo inteiro.

O amor recíproco, porém, é realmente evangélico e plenamente válido se for praticado segundo a medida pedida por Jesus: "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que este: dar a vida pelos próprios amigos" (cf Jo 15,12-13). Dar a vida, e Ele a deu.

Mas de que modo Jesus morreu?

Ele, na sua paixão e morte, não sofreu somente no momento da agonia no horto, da flagelação, da coroação de espinhos, da crucifixão, mas também experimentou uma dor atroz, que exprimiu no grito: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?"(*Mt* 27,46).; esse sofrimento, como afirmaram teólogos e místicos, foi a sua provação mais aguda, a sua escuridão mais tenebrosa.

Ora, parece que hoje, para edificar plenamente a comunhão no amor recíproco, é importante contemplar sobretudo aquela dor de Jesus e espelhar-se nela. E se entende. Se a missão de Jesus era tirar o pecado do mundo e eliminar a divisão dos homens separados de Deus e, por consequência, desunidos entre eles, o único modo para realizá-la era experimentando em si a abissal separação entre Ele, Jesus, que é Deus, e o Pai, sentindo-se abandonado por Deus.

Jesus, porém, voltando a abandonar-se no Pai ("Em tuas mãos entrego o meu espírito" (*Lc* 23,46), superou essa imensa dor e reconduziu assim os homens ao Pai e à aceitação recíproca. Se é assim, não será difícil ver que é Ele, exatamente Ele, a estrela mais radiante que deve iluminar o caminho ecumênico; a pérola que temos que encontrar para dar muito fruto.

A *espiritualidade ecumênica* será fecunda em proporção a quanto, quem a ela se dedicar, reconhecer em Jesus crucificado e abandonado, que volta a abandonar-se no Pai, a chave para compreender toda e qualquer a falta de unidade e recompô-la.

Um ecumenismo eficaz será atuado por corações tocados por Jesus Abandonado, que não fogem dele, mas o compreendem, amam, escolhem e sabem reconhecer o seu semblante divino em cada falta de unidade com que se deparam e recebem dele a luz e a força para não parar diante do trauma, na fenda da divisão, mas vão avante e encontram sempre uma solução, a melhor possível.

O amor recíproco leva também a atuar a unidade.

E a unidade tem um efeito, que também é, por assim dizer, uma parte forte para um ecumenismo vivo. Trata-se da presença de Jesus entre cristãos unidos no seu nome. "Onde dois ou três estiverem unidos no meu nome, ali estou eu no meio deles" (*Mt* 18,20). Este já é um vínculo forte! É uma ajuda no caminho em direção da unidade visível! Jesus entre um católico e um valdense que se amam, anglicanos e ortodoxos, entre uma evangélica e uma metodista, é um dom que ainda por cima torna menos dolorosa a espera do momento em que todos juntos o receberemos sob as espécies eucarísticas.

Outro ponto fundamental desta *espiritualidade ecumênica* deverá ser um grande amor pelo Espírito Santo, que este ano devemos nos esforçar para conhecê-lo mais. O Espírito Santo, Amor feito Pessoa, que une na unidade as Pessoas da Santíssima Trindade, e é vínculo entre os membros do Corpo místico de Cristo.

Não devemos nos esquecer de Maria, que um Concílio comum a todos os cristãos, o de Éfeso, proclamou Mãe de Deus, Theotokos. Uma mãe pode sempre ajudar os filhos a se unirem.

E amar a Igreja como comunhão e, sobretudo nós, cristãos católicos, amar o Papa, cujo ministério petrino serve para a unidade da Igreja e, com ele, amar a Hierarquia eclesiástica.

Uma espiritualidade ecumênica vivida desse modo poderá produzir frutos excepcionais. Mas, como intuímos, terá sobretudo um efeito especial: visto que é comunitária, unirá todos aqueles que a vivem, fazendo-os sentir solidários entre si e, de certo modo, já unidos. Eles se darão conta de que são um único povo cristão, que será - ao lado de tudo o que fazem as outras forças suscitadas pelo Espírito Santo neste tempo ecumênico - um fermento para a plena comunhão entre as Igrejas.

Será quase a atuação de outro diálogo, articulado ao da caridade, da oração e o teológico, chamado: diálogo do povo. É lógico que esse povo não é formado unicamente por leigos, mas por todo o povo de Deus.

Esse diálogo revelará com maior evidência e interesse, e valorizará o imenso patrimônio comum entre os cristãos, constituído pelo batismo, pela Bíblia, pelos primeiros Concílios, pelos Padres da Igreja, que será vivido juntos.

Queremos ver este povo, que já vai despontando aqui e ali, e sonhamos admirá-lo onde quer que exista uma Igreja.

Como podem entender, uma *espiritualidade de comunhão* não é útil somente para ajudar na unidade dos cristãos. Ajuda também os cristãos a abrirem o diálogo inter-religioso que representa uma das fronteiras mais exigentes e urgentes na aurora do Terceiro Milênio.

E aqui, em primeiro lugar queremos recordar o hebraísmo e os hebreus, a quem – como dissemos - a Igreja católica na Itália dedica hoje um dia especial de reflexão, intitulado: "Quem é o homem para que dele tu te ocupes?" (Cf *Sal* 8,5), que tem por tema o papel único e essencial

do homem na tradição deles.

O anúncio bíblico que o homem é feito à imagem de Deus não se encontra em nenhuma outra tradição religiosa a não ser no hebraísmo e no cristianismo, e implica a suprema e intangível dignidade do homem. Entre outras coisas se encontram na tradição hebraica as raízes daquilo que hoje são chamados os "direitos humanos".

O que dizer desses nossos irmãos, que o Papa João Paulo II definiu: nossos "irmãos mais velhos"?

Nós, cristãos, nunca vamos compreender profundamente o que significa ter com eles a fé em comum no único Deus de Abraão. Se percorrermos os caminhos de uma reconciliação mais profunda com eles, poderíamos juntos glorificar Deus, agradecê-lo, pedir-lhe perdão "todos juntos" (*Sof* 3,9), todos juntos como coisa sua, como filhos seus e irmãos e irmãs entre nós.

Com eles podemos nos deixar iluminar e alimentar a alma pelos tesouros celestes e comuns contidos na Bíblia hebraica quase idêntica ao nosso Antigo Testamento. Nós podemos esperar muitíssimo, pelo bem da humanidade, da nossa profunda e fraterna comunhão com eles. Nós podemos centuplicar junto com eles e nosso testemunho ao mundo inteiro de Deus Criador do universo. Mas é preciso nos conhecermos melhor, trabalhar juntos e também viver juntos momentos de oração – como hoje – para que seja factível e visível uma profunda unidade de espírito que existe apesar de todas as diferenças e as divisões do passado, cuja culpa muitas vezes é dos cristãos.

Reconhecendo no outro um irmão na sua diversidade, podemos nos tornar cada vez mais consciente do fato de que as raízes da nossa fé específica, cristã, encontram-se neste povo porque Jesus era hebreu, Maria era hebreia, Pedro e Paulo e os outros primeiros apóstolos eram hebreus.

Esta mesma fé abraâmica nos une ainda – embora com eles o nosso relacionamentos seja completamente diferente – com os muçulmanos. Também nós temos magníficas experiências de diálogos profundos e frutuosos com eles.

Além disso, se nós, cristãos, amamos como esta espiritualidade ensina, poderíamos ter uma luz a mais para ver e descobrir nas outras religiões a presença das “sementes do Verbo", como diz o Concílio[7]. As religiões não cristãs, com efeito, "quase sempre refletem um raio daquela Verdade que ilumina todos os homens."[8] E esta descoberta poderá suscitar mais proximidade e compreensão recíprocas.

Se é verdade que quase todas as Religiões possuem a "Regra de ouro" que de vários modos afirma: "Faça aos outros aquilo que gostaria que os outros lhe fizessem; não faça aos outros aquilo que não gostaria que os outros lhe fizessem", que é amor recíproco, se poderia estabelecer com eles, vivendo-a, um relacionamento de mútuo amor.

E depois o diálogo com aqueles que não creem, que pode ser muito profundo porque baseado na estima comum pelos grandes valores como a paz, a liberdade, a vida, os direitos humanos, a ecologia, etc.

E o diálogo entre os povos.

E a unidade entre o homem e a natureza.

Espiritualidade de comunhão, portanto.

E a unidade é a característica que poderá resumi-la. Se a colocarmos em prática, veremos o mundo caminhar para trás, como quando se retrocede um filme ao início.

Quantas divisões dramáticas, quanta desagregação, quantas crises torpedeiam o nosso planeta mergulhado na indiferença, na secularização, no materialismo!

Esta nova vida nos ajudará a retroceder, se bem que caminhando para frente: a

humanidade reencontrará a unidade para a qual Deus a criou. São os votos hoje para nós, sobretudo para quem vai desejar se empenhar por uma espiritualidade de reconciliação e de diálogo.

(Aplausos) (...)

Canção do Gen Rosso: "Semeia a paz"

Chiara Lubich

---

1 Cf Consultazione su 'Spiritualità per i nostri tempi' del Consiglio Ecumenico delle Chiese tenutosi in Iasi (Romania) 1994.

2 R. Bertalot, *La riconciliazione nei dialoghi fra le Chiese.* "Studi Ecumenici", julho-setembro 1996, pág. 359.

3 Cf Vescovo Chiaretti e Pastore Tomasetto nella prefazione dell'edizione italiana dello "Strumento di lavoro" 1995 per Graz, p.8.

4 João Paulo II. Em: *Cruzando o* limiar *da esperança.* Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1994, pág. 147.

5 Cf. Mensagem do card. Bea para a inauguração da Mariápolis permanente ecumênica (1968) em Ottmaring (Alemanha), publicado em: G.BOSSI. *Qui vivranno insieme cattolici e luterani*. Città Nuova, 1968 nº 14, pág. 35.

6 . João Paulo II, op. cit., pág. 148

7 Cf Vaticano II, *Ad Gentes 11*: "semina Verbi in eis latentia".

8 Cf Vaticano II, *Nostra Aetate 2*: Le religioni non cristiane "...non raramente riflettono un raggio di quella Verità che illumina tutti gli uomini".